

# Os Primeiros Anos da Pedagogia de Rio Claro

Marilena A. Jorge Guedes de Camargo

## Resumo

*O artigo destaca o surgimento e os primeiros anos do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. Apresenta apanhado de pesquisa de campo orientada por estudos sociológicos e a sua influência no processo de formação da autora como pedagoga.*

## Abstract

*The article points out the appearing and the first years of the Pedagogy Course of the Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. It shows a general view of field research oriented by sociological studies and this influence in the process of graduation of the author as a educator.*

**Palavras-Chave:** Estudos sociológicos; pesquisa de campo; universidade pública

Os momentos históricos de um primeiro Curso de Pedagogia em Rio Claro ligam-se à criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1957. Já há alguns anos, corriam boatos entre estudantes ginásianos de que era “inconcebível que uma cidade como Rio Claro ainda não possuísse sua escola superior e que se necessitava uma urgente e enérgica medida da parte do governo municipal” (*O Ribeirense*, 1956). Professores diziam: “... mais que em qualquer outra cidade do Estado, Rio Claro requer uma escola de nível superior”. Assim, surgiam comentários que giravam sobre a importância de uma faculdade para Rio Claro.

Não se reduziu a luta para tal criação. A Lei nº 3895, de 7 de junho de 1957, deu origem à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e a Lei nº 7749, de 28 de janeiro de 1963, a estruturou. Para que a Lei fosse promulgada pelo Governador do Estado de São Paulo, Dr. Jânio da Silva Quadros, houve a colaboração de muitas pessoas manifestando-se junto ao Chefe do Executivo Estadual, como o presidente da Câmara Municipal, o Deputado Ulysses Guimarães, os membros da Associação Comercial e Industrial, a Sociedade Amigos da Cidade, os Clubes de Serviço, como o Rotary e o Lions. Foi transformada em autarquia de regime especial pelo Decreto- Lei nº 191, em 30 de janeiro de 1970. Pelo Decreto nº 52595, de 30 de dezembro de 1970, foi enquadrada no Regimento Geral dos Institutos Isolados do Ensino Superior do Estado de São Paulo.

A notícia da criação da Faculdade foi dada ao público rio-clarense, no dia 18 de julho de 1957, com a manchete em *Diário de Rio Claro*:

*Em regozijo à criação da Faculdade de Filosofia de nossa cidade, na manhã de domingo a Congregação dos Estudantes Rioclarense promoveu manifestação pública. Reunidos os Centros Estudantinos e alunos do Instituto “Joaquim Ribeiro”, Escola de Comércio “Prof. Arthur Bilac”, Escola Industrial “Prof. Aprígio Gonzaga”, Organização Escolar Alem, Ginásio Köelle, e Escola Normal “P.P. Coração de Maria”, desfilaram pela avenida Um e outras ruas centrais da cidade ...*

Quais os cursos seriam selecionados?

Em 1955, fora realizado um levantamento estabelecendo uma relação das conclusões de cursos de Ensino Médio, vindo a servir para verificar quais as cidades situadas na área de influência da Faculdade. Queria-se conhecer a clientela, isto é, saber com quantos alunos se poderia contar para diferentes cursos da faculdade. Tiveram conclusões dos cursos Normal, Industrial, Colegial e Comercial das cidades vizinhas de Rio Claro. O destaque foi para o Curso Normal, em que Rio Claro contou com 151 conclusões de alunos; Piracicaba, com 105; Limeira, 65; São Carlos, 152; Americana, 09; Araras, 34;

Pirassununga, 103; Dois Córregos, 23; Jaú, 71; Araraquara, 75; Descalvado, 22; Santa Rita do Passa Quatro, 32; Santa Bárbara D'Oeste, 14, atingindo o total de 851<sup>1</sup>.

Sentia-se dificuldade de se "instituir em Rio Claro uma Faculdade de Filosofia completa, com todos os cursos de que esse Instituto pode reunir. Não há edifícios para tal, seria praticamente impossível reunir corpo docente credenciado no espaço de tempo disponível e os gastos com tal iniciativa alcançariam cifras enormes" (BUSCHINELLI, 1988: 29). Daí, pensou-se em um Instituto com poucos cursos. Foi então que o Curso de Pedagogia estaria no âmbito da discussão, pois a manifestação dos candidatos revelou interesse, depois da preferência para os estudos de "ciências naturais (55)", e os de "estudos pedagógicos (45)" (BUSCHINELLI, 1988: 29).

Segundo Antonio Buschinelli, nos primeiros anos da Faculdade, deveria ser proposta uma divisão de trabalho entre as Faculdades que o Governo estava procurando instalar. Eram os casos de Rio Claro, Marília e Assis. Então, tais faculdades no início não criariam cursos iguais, com exceção de casos especiais e também do Curso de Pedagogia que era imposto por lei.

A Faculdade foi instalada em maio de 1958, no bairro do Alto do Santana, em um prédio de dois andares, com salas de aula, laboratórios e gabinetes. Tiveram início as aulas dos Cursos Prévios, destinados a prepararem candidatos ao Concurso de Habilitação, conforme o Decreto n° 30425, de 18 de dezembro de 1957.

O Curso de Pedagogia e mais os de História Natural, Geografia e Matemática passaram a funcionar em 1959. Vieram os professores que se tornariam responsáveis pelas cadeiras previstas para tais cursos. Assim chegaram os primeiros professores de Pedagogia que, como os alunos diziam, "vieram de fora": Rui Fausto (Cadeira de Filosofia e História da Educação) - Professor Assistente de Filosofia, da Universidade de São Paulo e especialista em Filosofia da Ciência; Dra. Carolina Martuscelli Bori (Cadeira de Psicologia Geral e Educacional) - Professora Assistente da Cadeira de Psicologia Educacional da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo; Frank Perry Goldman (Cadeira de Sociologia Geral e Educacional) - Professor de Pesquisas em Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia, da Universidade

de São Paulo e de Pesquisas Sociais da Universidade Católica de São Paulo, trabalhando em Estudo de Comunidades e Processos Sociais. Esses professores indicavam os seus assistentes, como foi o caso de Antonio Buschinelli (Cadeira de Fundamentos Biológicos da Educação) - Instrutor de Ensino. Contou também com Lourdes de La Rosa Onuchic (Cadeira de Complementos de Matemática) - Auxiliar de Ensino.

Começou o Curso de Pedagogia com 20 alunos (05 masculinos e 15 femininos), sendo que a aula inaugural ficou ao encargo do Prof. Zeferino Vaz, então catedrático da Universidade de São Paulo, no dia 16 de março de 1959.

Em 15 de março de 1963, foi realizada a primeira solenidade de formatura de Pedagogia, conjuntamente com os outros cursos. Teve como patrono o Governador do Estado, Dr. Adhemar Pereira de Barros, e como paraninfo, o Diretor da Faculdade, professor João Dias da Silveira. O representante dos diplomandos da Faculdade foi Ingo Roberto Köelle, do Curso de Pedagogia. Completaram o quadro de Pedagogia os alunos: Berenice Crestana, Dair Aily, Ellen de Campos Viana Dória, Gilty Aparecida Ribeiro dos Santos Vilela, Ingo Roberto Köelle, Leda Coletti, Maria Cecília de Oliveira, Maria Stella Perin, Osny Telles Marcondes Machado e Wilson Jacomini.

Em 28 de janeiro de 1963, foi promulgada a Lei 7749 que dispunha a cerca da organização didática da Faculdade. Ficava assim estabelecida a sua finalidade que atingia o Curso de Pedagogia:

- transmitir e incentivar a cultura e realizar pesquisas nos vários domínios do conhecimento que constituem objeto de seu ensino e investigação;
- formar pesquisadores e professores para o magistério de nível médio e superior.

Com isso, o corpo docente deveria envolver-se num intenso trabalho de pesquisa e ensino e passaria, como lei, pela apreciação da Câmara do Ensino Superior do Conselho Estadual de Educação, que funcionaria como Congregação da Faculdade.

Em reunião de 16 de novembro de 1964, houve o reconhecimento do Curso de Pedagogia, aprovado unanimemente pela Câmara de Ensino Superior do Conselho, com os três outros Cursos - Geografia, História Natural e Matemática - tendo sido homologado pelo Conselho Pleno em 23 de novembro do mesmo ano.

<sup>1</sup> Estatística fornecida pelo I.B.G.E. In: Antonio BUSCHINELLI. *Subsídios para a história do ensino superior oficial em Rio Claro*, p. 23.

## 2. A Prática da Sociologia nos Primeiros

### Anos do Curso

O Curso de Pedagogia, no decorrer do ano letivo de 1959, teve no seu total 432 aulas, incluindo-se as práticas e as teóricas. As excursões planejadas ficavam fora do cômputo de aulas. Tornou-se uma das necessidades urgentes a aquisição de veículos – microônibus e jeep – para a realização das pesquisas de campo.

E foi com a pesquisa de campo que muito me realizei no Curso de Pedagogia<sup>2</sup>. Diria que foi uma prática, essa da “pesquisa” na “Cadeira de Sociologia”. Não mais que um conhecimento de “pesquisa”, porém mais que uma experiência. Foi semente para estimular o meu gosto pela pesquisa.

A pesquisa de campo orientada por estudos sociológicos, identificando a posição da escola em frente à vida, e uma consciência sempre mais nítida do “nosso” ambiente social, que se repercutia como uma “escola da comunidade”, eram os objetivos com que nos deparávamos na programação da disciplina ministrada pelo Dr. Frank Goldman. Analisamos o sistema social de várias comunidades brasileiras constando de entrevistas sistemáticas com os adolescentes e adultos, que eram moradores nas comunidades e não freqüentavam a escola, onde se procurava relacionar de maneira fundamental a posição das famílias dentro da estrutura de classe da comunidade. Cada aluno estudava uma comunidade (por exemplo, Vila Paulista como reflexo de Rio Claro): grupos de colegas de diferentes escolas, onde se verificava a discriminação social, o problema da segregação, fatores sociais como o “status” social, em que se incluía o preconceito racial. Depois, o estudo da “soberania cultural, política e econômica” dentro da comunidade. Dava-se ênfase ao estudo dos padrões de comportamento, os “mores”, e aos tipos diferentes de organizações sociais.

Para que se conhecessem os problemas sociais do *homem*, fazíamos um estudo da Literatura Social como sendo uma precursora da Sociologia Brasileira. Daí, havia uma análise de quadros vivos de histórias humanas em sociedades diferentes. Para examinar *o homem e a sociedade* “bem mais de perto”, fazíamos uma análise da escola do Nordeste; íamos, por exemplo, de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*, *Sobrados e Mucambos*. Não passavam despercebidas, também, histórias de vida

<sup>2</sup> Fui aluna do curso de Pedagogia, naqueles primeiros anos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro.

do caçara, pois aprendíamos que “não há necessidade de se cultivar a literatura social somente através de livros, porque o indivíduo adquire a cultura da sociedade em que vive”. Então escrevíamos sobre a nossa sociedade. Era uma autobiografia, estudávamos o nosso bairro, uma pequena ou grande comunidade, ou era a Metrópole. Fazíamos a pesquisa, após termos lido, entre outros: Aluísio de Azevedo, *O Cortiço*; *O Homem*; Consuelo dos Reis Mello, *Rosa e o Cisne*; Euclides da Cunha, *Os Sertões*; J. A. Almeida, *A Bagaceira*; Jorge Amado, *Terras do Sem Fim*; Graciliano Ramos, *Angústia*. Chegamos a estudar as “elites de cor numa cidade brasileira”, onde se citou Salvador, na Bahia, passando-se pelos negros que tomam posição na comunidade.

Lembro-me de que fizemos pesquisa de campo em Perufbe (praia), - “problemas educacionais numa área litorânea” - onde obtivemos dados da constituição do núcleo primitivo da Vila, o núcleo central, do trecho que margeia o núcleo central, a formação da comunidade, em que era destacado o estudo da distribuição dos habitantes em classes sociais. Houve uma pesquisa de ação, com o levantamento de dados da Vila Cristina, em Rio Claro: tipo de habitação, população com a distinção de escolaridade, ocupação, religião, participação em outras atividades, relação com a comunidade e outros bairros, verificando-se os recursos econômicos na zona urbana (centro e sub-centro) e zona rural, meios de comunicação. Houve também, em Palma, o estudo de “aculturação leta” e em Santa Bárbara e vizinhanças, o estudo de “aculturação norte-americana”. Como término do programa de pesquisa, estudou-se o histórico de Rio Claro, acentuando-se a estratificação social na cidade. Era feito um plano de estudo, e discussão e apresentação dos resultados e conclusão.

O professor Frank era de opinião que “a linha de interesse de um pesquisador deve ser o da cultura, personalidade e sociedade” e, com isso ele procurava “ensinar” que “a disciplina social precisa fazer certas suposições sobre a natureza do homem, da sociedade, da cultura e da personalidade, não independentemente da pesquisa especializada que se propõe”. Então, dizia ser importante adotar uma atitude em relação à posição do homem no universo natural, às condições necessárias e suficientes e aos pré-requisitos de uma existência humana.

A excursão de estudos de Sociologia visava exercitar os alunos na pesquisa de campo, atendendo a preocupação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro de aliar a formação didática e pedagógica à pesquisa

científica em todas as áreas. Assim, a Faculdade formava profissionais capazes para o ensino e para a investigação científica. Aliás, disse Antônio Cintra que a missão da Universidade deveria ser a de “estimular a pesquisa e difundir e orientar a ciência. Somente a coexistência, no espírito e no espaço, de estudantes e professores, poderá produzir a verdadeira vida universitária, com suas limitadas decorrências”<sup>3</sup>.

### 3. Em defesa da Universidade pública e gratuita

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a exemplo da Universidade de São Paulo, criara uma escola integradora que se destinava a cultivar a universalidade, ou seja, a totalidade do conhecimento, e buscava implantar a pesquisa e “altos” estudos. Falava-se em “autonomia universitária”, que à época, no Brasil, apresentava um sentido relativo, quer dizer, a instituição universitária tinha o privilégio de implantar os seus regulamentos, uma vez que estivessem dentro das normas gerais estabelecidas pela administração pública. Então o Curso de Pedagogia de Rio Claro visava conduzir-se para o conhecimento e um serviço de desenvolvimento social e cultural do povo.

Na difusão do conhecimento, o Curso de Pedagogia deveria integrar os alunos com a “comunidade local” e era naquele contexto que o envolvimento da comunidade se tornaria necessário à busca de soluções para conseguir o desenvolvimento da instituição. A faculdade preservava, assim, o seu papel de incentivar a pesquisa aplicada e a social e destacava-se no oferecimento de um Curso de Licenciatura com docentes de alto nível de qualificação. A escola era pensada como parte da comunidade. Parecia mesmo que o ensino estava sendo ministrado “dentro” dos bairros da cidade. Praticando com os moradores da comunidade, trocávamos saberes e experiências, colocando tudo em comum. Assim, a universidade deveria refletir a comunidade, buscando atender a seus problemas e tornando-se menos distante e remota. Nesse processo contínuo que se identificava com a própria vida, a escola formava o indivíduo sem alterar o rumo de seu

desenvolvimento intelectual. Por meio do Curso de Pedagogia, dar-se-ia a relação Universidade- Sociedade- Educação- Escola.

Quem freqüentou a Faculdade nos seus primeiros anos teve presente que uma das preocupações dos alunos de Pedagogia estava aliada com as idéias dos educadores da época: “A missão da universidade é a busca permanente de novos conhecimentos, no esforço para orientar a Nação na luta contra a penúria e a ignorância” (RIBEIRO, 1962: 44). Para colaborar com o desenvolvimento do país, a Faculdade deveria interagir com a sociedade como um todo, sem perder a sua autonomia acadêmica e criar condições para desenvolver o “espírito crítico” e o exercício de suas atividades profissionais.

Nesses últimos anos, o modelo de uma universidade pública e gratuita tem sido questionado, devido a uma ideologia neoliberal que leva o sistema universitário à competição do mercado global. Está havendo uma desconstrução das estruturas pedagógica e científica auxiliada pelas empresas de ensino e pelas agências mundiais de crédito. Então, uma política que não mede fronteiras foi dando chance “oficial” a muitas empresas de ensino sob uma razão aparente de que se fazia preciso considerar de modo urgente a demanda do aluno que não consegue ter acesso às universidades públicas. Além do mais, ela vem sendo tachada de “ter poucos alunos e muitos professores”. Grande parte das atribuições do Estado é deslocada para o setor privado, e a proposta de formação do indivíduo volta-se para as necessidades do mercado, o que redundava em desfavorecer a qualidade científica da formação.

Porém, não é a universidade pública e gratuita que tem uma relação íntima com o desenvolvimento social e cultural do país? No passado a educação superior resolvia as questões de ordem política, econômica, cultural e ambiental; hoje ela não traz todo esse poder. Mas, em compensação resolve todas as demais questões e o que é mais interessante, talvez seja a política social mais fácil de equacionar e conduzir a curto e médio prazos, apesar de todas as dificuldades (SCHWARTZMAN: 1996:12). Além do mais, tendo como um dos objetivos a prática de investigações originais, a universidade não só difunde a cultura elaborada, como também exerce influência na vida cultural do povo.

A universidade, por meio da indissociabilidade entre “ensino, pesquisa e extensão”, exerce uma influência cada

<sup>3</sup> Palavras de Antônio Barros Ulhoa Cintra, ao assumir a reitoria da Universidade de São Paulo, em 16 de maio 1960. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. v. 34, n° 79, jul. - set., 1960. p. 164. Na ocasião do ato de posse, Cintra disse que a universidade estava ainda em fase de adolescência e que não se encontravam longe os ecos da pergunta de Armando de Sales Oliveira a Júlio de Mesquita Filho: ‘Que faria V. Sa. no governo do Estado?’ ao que da sua resposta “nasceram a Universidade de São Paulo e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras”.

vez maior nas ciências de formação dos homens e suas idéias, e por meio de um envolver-se com os segmentos que constituem o processo educacional, ela terá perspectivas quanto aos problemas da educação brasileira.

Visar a um ensino não separado da pesquisa, faz a “pesquisa” tornar-se altamente produtiva e considerada de grande porte no Brasil. Não basta, assim dizer, que a universidade pública e gratuita, além do conhecimento científico, procura conduzir a um engrandecimento da qualidade de vida na área em que a “pesquisa” foi implementada? Nós entendemos que não dá para paralisar as pesquisas ou simplesmente sustentá-las em apenas alguns departamentos, porque estaríamos espojando um projeto de desenvolvimento nacional que até estaria para nascer.

## Referências Bibliográficas

BUSCHINELLI, Antonio. *Subsídios para a história do ensino superior oficial em Rio Claro*. (Da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras ao Campus da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP), 1988.

CINTRA, Antônio Barros Ulhoa. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ministério da Educação e Cultura (Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais), v. 34, nº 79, jul. – set., 1960.

Jornal Escolar *O Ribeirense*, órgão oficial cívico “Erasmus Braga”, grêmio dos alunos do Colégio Estadual “Joaquim Ribeiro”, ano 25, n. 2, Rio Claro, S. P., setembro de 1956.

RIBEIRO, Darcy. A universidade e a nação. In: *Educação e ciências sociais*. Ano VII, v. 10, nº 19, Rio de Janeiro, Brasil, jan. – abril de 1962.

SCHWARTZMAN, Simon. O ensino superior no Brasil: a busca de alternativas. *Educação Brasileira*, 18 (37): 11-45, 2º sem., 1996.

---

Marilena A. Jorge Guedes de Camargo é  
Professora Doutora do Instituto de Biociências da  
Universidade Estadual Paulista (UNESP),  
Departamento de Educação, *Campus de Rio*  
Claro, SP.

---